

Rádio e inovação: o fortalecimento das emissoras de rádio comunitária e suas novas possibilidades com as redes sociotécnicas¹

Orlando Maurício de Carvalho BERTI²

UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus Torquato Neto – Teresina – PI)

Resumo

Este artigo faz uma reflexão sobre o status contemporâneo brasileiro sobre o meio comunicacional rádio, tendo com interface midiática principal as rádios comunitárias. Analisa-se, destaca-se e traz-se proposições sobre a temática, bem como pontos e contrapontos acerca das questões da inovação e suas possibilidades com as redes sociotécnicas. É feito um estudo analítico do fenômeno levando-se em conta questões teóricas sobre rádio, rádio comunitária, tecnologias atuais, redes sociotécnicas e inovação para a mídia sonora, notadamente a comunicação comunitária radiofônica. É fato que a própria comunicação precisa vivenciar as reinvenções, apurar e experimentar positivamente as novas sociabilidades trazidas pelas mudanças da contemporaneidade, sem perder sua essência, mas observando os novos públicos e comportamentos atuais.

Palavras-chave: Rádio; inovação; tecnologias; rádio comunitária; redes sociais virtuais.

Introdução

É comum, tanto em ambientes acadêmicos quanto fora deles, ouvirmos que vivemos em uma sociedade cada vez mais conectada. Verdade indiscutível acerca das possibilidades tecnológicas que nos são colocadas. No campo acadêmico temos a certeza do que Marshall McLuhan (1969), três gerações antes da nossa, já preconizava sobre como tecnologias são importantes nas sociabilidades. Gerações acadêmicas, sociais e cronológicas depois, a não ser que você viva isolado há duas décadas longe de qualquer meio de comunicação eletrônico, notamos o quanto as tecnologias atuais estão presentes em nossas vidas e nos ambientes em que vivemos, participamos e atuamos.

Este texto não é um tratado tecnófilo e muito menos tecnófobo. Tratar de tecnologias atuais é falar do presente para podermos refletir o futuro imediato, bem como as nossas sociabilidades. As temáticas se casam notadamente porque há mais de

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação Social pela UMESP, com estágio doutoral na Universidad de Málaga (Espanha). Mestre em Comunicação Social pela UMESP. Especialista em Comunicação Institucional pela UFPI – Universidade Federal do Piauí. Especialista em Docência Superior pela FSA – Faculdade Santo Agostinho. Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo – pela UFPI. Professor, pesquisador, extensionista e diretor de Relações Internacionais da UESPI – Universidade Estadual do Piauí. Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais da UESPI. E-mails: orlandoberti@yahoo.com.br ou berti@uespi.br.

dez anos temos procurado compreender como essas tecnologias, que gostamos de chama-las de sociais, têm ajudado na profusão das questões da Comunicação Social, principalmente a comunicação comunitária radiofônica.

Este artigo não é um estudo sobre tecnologias, mas das possibilidades tecnológicas para o meio de comunicação rádio, notadamente as rádios comunitárias.

Sabe-se que não são as tecnologias ou os meios de comunicação que transformam a vida das pessoas, mas como as pessoas utilizam as consequências dessas tecnologias para as transformações individuais e, notadamente, coletivas.

A temática sobre rádio e inovação é premente porque segundo a PNAD – PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS (2019) – no Brasil o rádio está presente em, pelo menos, 69,2% das residências. Enquanto isso, no mesmo levantamento estatístico, os aparelhos celulares, com seus recursos multimídia, estão presentes em, pelo menos, 58% das residências. Mostrando que, em ao menos dois terços das casas dos brasileiros, há possibilidade real de conexão e avanço, via redes sociotécnicas de sociabilidades também por esses dispositivos. Fora esses dados também temos as influências de quem consome informação e entretenimento radiofônico via esses meios de comunicação e os replica para quem não tem. O IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2019), responsável pela PNAD, destaca que o meio de comunicação rádio como conjunto ou aparelho que receba sinais sonoros ou promova rádiogravação, toque fitas, bem como aparelhos com mp3 e mp4 que toquem rádio. Ou seja, aparelhos tecnológicos cada vez mais presentes e prementes em nossas vidas.

Objetiva-se com a pesquisa analisar, destacar e discutir esse fenômeno acerca das contemporaneidades do rádio, em especial as rádios comunitárias, em tempos de inovação e redes sociotécnicas. Parte-se da problemática de que como se dá esse fenômeno, como ele se desenha na contemporaneidade e quais suas perspectivas de consequências? Metodologicamente é feito um estudo a partir de reflexões teóricas e práticas sobre rádio, rádio comunitária, tecnologias atuais, redes sociotécnicas e sociabilidades contemporâneas balizadas nas questões da inovação como instrumentos de evolução social e não de manipulação coletiva. Esses dois caminhos explicam os mesmos fenômenos, mas acredita-se no rádio como instrumento capaz de formar, informar, entreter, promover reflexões e, principalmente, acompanhar as inovações e multiplicar aquelas ações.

O trabalho é dividido em três partes. A primeira parte, de caráter reflexiva, intitulada “*O rádio e seus desafios contemporâneos*” trata sobre o meio comunicacional sonoro rádio, trazendo pontuações de quais os desafios dessa mídia, tão importante e ainda presente nas relações sociais, de entretenimento e informativas de quase toda a população brasileira. Já a segunda parte, “*Perspectivas de inovações para o rádio entremeio ao boom das tecnologias atuais*”, de caráter teórico, destaca acerca das redes sociotécnicas em si e de seus poderes de socialização de informações e entretenimento para a contemporaneidade nacional. A terceira, e última parte, “*Rádios comunitárias. Desafios frente inovações e tecnologias atuais*”, de caráter analítico (e principal capítulo do trabalho), destaca em responder e trazer elementos sobre a problemática, mostrando que nem devemos ser totalmente contrários aos avanços tecnológicos contemporâneos, bem como seus encantamentos também trazem uma série de perigo às próprias sociabilidades.

1 – O rádio e seus desafios contemporâneos

A sonoridade é, sem dúvida, um dos três sentidos do corpo humano, mais que evidentes. Mais de 98% da população brasileira não é prejudicada totalmente sobre o sentido do ouvir (BRASIL, 2016). A própria cultura comunicacional do ouvir faz parte da nossa ancestralidade até sua massividade movimentada a partir do Século XX. Praticamente cem anos depois da presença fixa e atuante no Brasil, e bem exacerbada com o meio de comunicação, o rádio continua tendo seu papel na contemporaneidade, mesmo não sendo mais hegemônico como no segundo e terceiro quartos do Século XX.

Mesmo com a concorrência contemporânea da televisão e, mais recentemente, dos meios multimidiáticos, capitaneados pelo poder de socialização de múltiplos sentidos comunicacionais, o rádio não perdeu espaço, mas juntou-se a esses conteúdos e sonoramente, através, principalmente, das redes sociais virtuais, tem seu grande papel atual na Comunicação Social. O rádio, repete-se, informa, forma, entretém, age, provoca, instiga, polemiza...

É fato, e chega ser quase lugar-comum, a afirmação de que os meios de comunicação contemporâneos passam por mudanças significativas. Mário Rosa (2006) já apregoava sobre a quantidade de informações disponíveis para cada um de nós, dobrando de tamanho e disponibilidade a cada quase dois anos. A cada período de menos de 24 meses mais que dobra a quantidade de informações disponíveis no Mundo.

Outro paradoxo contemporâneo é sobre se essa quantidade de informações realmente nos torna mais informados ou alienados. Será? É desse ponto de indagação que partimos para o debate dos desafios contemporâneos do rádio. Ao tratarmos do termo “desafios” ele não é de todo uma busca de conflito, mas sim, uma terminologia que ajuda a nos explicar as possibilidades de caminhos das mídias sonoras. Notamos, antes de mais nada, a própria preocupação anual dos mais renomados pesquisadores sobre rádio e mídias sonoras se reunirem nos encontros nacionais da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – que, por si só, já mostra uma preocupação premente e constante sobre as questões do rádio em si³.

Um dos primeiros é sobre o que realmente é o rádio nesses idos do início da terceira década do Século XXI? Que esperar dessa mídia? Ela acabará? Ou, novamente, assim desde quando foi inventada no final do Século XIX se modifica, se reinventa, se adequa a novas linguagens e sobrevive, sendo mais forte e mais socializante.

O professor Manuel Chaparro Escudero (2002) apregoava que uma das soluções para o futuro do rádio é a questão do local, de vivenciar a localidade. Esse pensamento, ao ser modernizado e atualizado, depois de 20 anos, vai de encontro com a própria profusão do glocal. O rádio contemporaneamente tem poder eminentemente mundial, mas é no local que suas relações comunicacionais mais se fortalecem. Ajuda a provar os próprios prenúncios de Alain Bourdin (2001) ao falar que as questões estão mais no pertencimento do que na localidade, destacando as perspectivas de pertencimento.

Ao pensarmos que o rádio é tecnologia a resposta é sim e não. Tecnologia porque sua facilidade de emissão por meio de sons (de forma direta ou por meio da Internet) ajuda a chegar a um maior número de pessoas, mas também tem sua importância as questões do próprio envolvimento humano nos processos, pois apesar das reproduções das falas, dos sistemas de inteligência artificial, do poder da mineração de dados, o fator humano ainda é chave no processo, principalmente se levarmos em conta as questões da inovação.

Mas quais são as perspectivas dessas inovações para o rádio em tempos que as tecnologias são cada vez mais presentes e prementes em nossas vidas? É o que discutiremos a seguir, sem antes frisar, e já deixar pré-respostas, de que o fator humano, acima de tudo, é o principal ponto desafiador do rádio entremeio à contemporaneidade.

³ Todos os estudos sobre as contemporaneidades do meio rádio e suas principais tendências são socializadas nos Anais anuais dos encontros da Intercom e podem ser facilmente acessados na aba ANAIS em www.intercom.org.br

2 – Perspectivas de inovações para o rádio entremeio ao *boom* das tecnologias atuais e redes sociotécnicas

Parte-se do conceito de que a tecnologia vem da própria evolução humana e que o tecnológico provém de inovações. Uma reflexão clássica sobre essas perspectivas é trazida por Álvaro Vieira Pinto (2013) em que a própria tecnologia só é premente por conta das questões humanas. Esse é um dos caminhos prementes, polêmicos e interessantes para as questões evolutivas e respectivos avanços sociais pelo lado positivo, levando-se em conta a própria comunicação como um todo é a Internet, também conhecida por Rede Mundial de Computadores.

Entende-se a Internet como sendo uma rede sociotécnica e inovadora, em razão das possibilidades sociais geradas pela tecnologia, sem esquecer-se de que o contato e a função humanas são mais importantes que a tecnologia propriamente dita e suas consequentes inovações. Através de suas redes informáticas, ajuda ao que é social, por isso as tradicionais redes sociais, baseadas no contato humano, evoluem para as redes sociotécnicas, também mediadas pelas tecnologias atuais. Uma delas é a Internet.

A construção de uma sociedade em rede, globalizada e conectada, caracterizado por circuitos informativos interativos, obriga-nos a repensar as formas e as práticas das interações sociais fora da concepção funcional-estruturalista, baseada em relações comunicativas analógicas. O rádio é um próprio instrumento de prova viva dessas inovações e consequências.

O próprio papel da tecnologia comunicativa no interior das relações sociais deve ser completamente repensado. Massimo Felice (2008) destaca que as fórmulas da sociedade de massa, baseadas na distinção identitária entre emissor e receptor, entre empresa e consumidor, entre instituições e cidadãos, entre público e privado, não conseguem mais explicar a complexidade das interações sociais nem as formas do habitar metageográficas contemporâneas.

O termo sociotécnico advém da colaboração, da possibilidade de agentes estarem interagindo e compartilhando informações e vivências. Ingrid Carvalho (2007) faz questão de refletir que uma rede sociotécnica é composta das relações entre humanos e não-humanos que tecem conhecimentos oriundos da “realidade”, trazendo a todo o momento novos componentes para a rede, via negociações estabelecidas. Nesse sentido, é possível estabelecer uma rede de conhecimentos em pleno desenvolvimento, através do contexto social e técnico da realidade dos envolvidos nela, modelados pelas

negociações internas e externas ao laboratório de atuação. Ingrid Carvalho (2007, p.47), ao citar Bruno Latour (1990) sobre rede sociotécnica, enfatiza que uma das principais características é o fato de estas serem caóticas, fazerem parte de uma rede complexa de condicionalidades e de interações. Caos não é encarado como ponto desfavorável, mas sim como fator de agregação e de não controle, como complementaridade do processo. O fato de ser caótico é justificado principalmente por conta da horizontalidade da Internet, que, muitas vezes, não tem um único ponto de emissão, mas vários, principalmente porque o emissor muitas vezes é o receptor. Não há um ponto inicial, e, muitas vezes, sequer um ponto final, a comunicação é dinâmica e viral. O termo viral vem de expansão rápida e às vezes exagerada de determinadas comunicações ou postagens na Internet. É essa virulidade que faz assuntos sérios ou considerados bobos ganharem repercussão regional, estadual, nacional e até mundial. Até hoje não há uma explicação lógica para a virulização, só se sabe que ela existe, ajudando a tornar a Internet positivamente caótica.

Uma rede sociotécnica, também segundo Ingrid Carvalho (2007) também é classificada principalmente por sua: heterogeneidade, permitindo múltiplas entradas e conexões, marcada pela pluralidade e pela complexidade, adquirindo pontos de convergência e de bifurcação estabelecidos a todo o momento, definidos pelos agenciamentos internos sem limites externos. Sua topografia não se caracteriza amorfa, apresentando, porém, estruturas diferenciadas. Nesse caso, a estrutura caótica não se torna obstáculo à construção do conhecimento; ao contrário, ver-se-á que é o melhor dos coadjuvantes para o desenvolvimento do conhecimento.

Convém lembrar-se de que nem todas as redes são virtuais, muito menos de que estão conectadas pela Internet. Há redes físicas, inclusive as redes sociais nascem de redes físicas no território. As redes existem desde o período em que o homem começou a organizar-se; e foi por meio delas que foi instigada a facilitação de sua comunicação, algumas vezes para suprir questões pessoais e familiares, utilizando-se desses canais, também para realizar transações comerciais e até estratégias militares.

A Internet tem abrangência mundial. Ela está presente, ao menos, via conexão por satélite, em todos os lugares do Planeta, podendo ser captada em todos os cantos, desde que haja aparelhos receptores. Também pelo menos algum lugar dos 205 países (ou lugares reconhecidos como tal) do mundo está interconectado com essa super-rede. Além de satélite, as conexões de Internet podem ser feitas por cabo, telefone ou rádio.

Por sua vez, a Internet só pode ser encarada como uma rede sociotécnica a partir do momento em que haja organicidade. Em rede sociotécnica, as relações sociais só acontecem quando ela se constitui efetivamente participativa e colaborativa, com características de um grupo e não apenas de um agrupamento. A diferença entre grupo e agrupamento foi estabelecida pelo filósofo J. Paul Sartre (2002), referindo-se ao grupo como uma relação mútua e dependente e o agrupamento como uma situação de passividade e indiferença, como destaca Ingrid Carvalho (2007).

Concorda-se com Fabiano Marques Vieira (2006, p.34) quando destaca que essa rede sociotécnica possibilita grandes formas de compartilhamento de recursos e informações. Sendo que, em uma perspectiva mais social, o conceito pode cair um pouco por terra. Ela é uma consequência direta dos avanços sociais políticos e econômicos vividos pela humanidade. Tais avanços permitem uma comunicabilidade mais direta e rápida, principalmente em uma perspectiva instantânea e eficaz. Se antes o telefone possibilitava uma comunicabilidade sonora e o fax uma comunicabilidade de envio de textos, a Internet reúne essas e muitas outras características.

Tudo, do ontem ao contemporâneo, é passado por redes. A Internet potencializa essas redes e instiga outras, principalmente no campo virtual, retroalimentando esse campo com o real e o mundo físico. É que a Internet também popularizou as redes, praticamente as mundializando e sedimentando. Trata-se de uma razão para encarar-se o conceito de Balanchander Krishnamurthy e Jennifer Rexford (2001, p.10-11), da rede como um meio de comunicação, para transportar mensagens entre os computadores da Web, oferecidos na Internet, sendo que Web dá aos usuários da Internet o acesso a recursos por meio da troca de mensagens HTTP. A sigla Web vem justamente de World Wide Web, que é o universo por meio de informações acessíveis por meio de computadores interligados. Essa perspectiva informacional também ajuda a entender o que é o mundo das redes de computadores, principalmente para uma utilização social.

Mark Burgess (2006, p.33) conceitua rede como sendo um conjunto de caminhos para a comunicação entre dois ou mais ambientes informacionais. Fabiano Marques Vieira (2006, p.17) acrescenta que as redes são projetadas para apoiar os usuários. O usuário é o sujeito ativo do processo comunicacional na rede. Ele utiliza a Internet não só no sentido de receber, mas também de emitir, tornando o ato mais dinâmico e horizontal. Essa é uma das grandes diferenciações dessa rede em relação a outras. E, principalmente, devido a sua rapidez de circulação de informações e capacidade de

formar elos entre esses usuários, é que se caracteriza como um dos maiores inventos do mundo moderno, essencialmente em sua perspectiva social.

Rose Marie Inojosa (1999, p.120) traz o conceito de rede de compromisso social, ocorrendo com a mobilização de pessoas físicas e jurídicas, notadamente a partir da percepção de um problema que rompe ou põe em risco o equilíbrio social. “Esta percepção ampliada da sociedade atrai estas pessoas para articular-se em função de um propósito comum e as leva a definir, em conjunto, um objetivo em comum, capaz de ser realizado através dessa articulação” (INOJOSA, 1999, p.120). As redes, segundo Guido Lemos, Luiz Soares e Sérgio Colcher (1995, p.10), organizam a comunicação. Isso é dado pela característica da própria função da rede, mesmo ela não sendo digital. Por isso as redes frequentemente também são chamadas de comunidade ou por sua organicidade são encaradas como tal. Outro conceito da informática que também converge para a perspectiva social é dado sobre a diferença entre rede e sistema distribuído. Andrew S. Tanenbaum (1997, p.2-3) frisa que em uma rede os usuários são logados explicitamente; são conhecidos ou se fazem conhecidos. Por outro lado, em um sistema distribuído, nada é explícito, sendo que tudo é feito automaticamente sem conhecimento do usuário. A rede movimenta o sistema distribuído. Por isso as redes são mais complexas e mais importantes, justamente uma grande justificativa para questões sociais contemporâneas. Sociologicamente, Maria Gohn (2008, p.446) classifica redes como sendo a capacidade de articulação da multiplicidade do diverso, justificado principalmente por conta do poder de multiplicação de atores e de vozes nos processos.

Esse conceito informático traz uma reflexão sobre o poder da rede e a positividade na sua concentração enquanto elemento agregador não só no virtual, mas também no mundo real. E falar de sociabilidades e socializações, que são as práticas da comunitarização, via rádio e, principalmente, via rádios comunitárias, é que chegamos ao ponto-chave da discussão, envolvendo e entendendo-se as emissoras radiofônicas comunitárias e seus pontos e contrapontos entremeio às inovações e tecnologias atuais. Elas estão à frente, assim como alguns segmentos das próprias mídias sonoras ou necessitam recuperar o tempo perdido?

3 – Rádios comunitárias. Desafios frente inovações e tecnologias atuais

A legislação sobre as rádios comunitárias no Brasil e seus conceitos basilares advém do Século passado. Não que estejam ultrapassados, mas não acompanharam a

velocidade das questões tecnológicas, principalmente dos outros meios eletrônicos midiáticos. Então o primeiro passo das inovações tecnológicas para as emissoras de rádio comunitárias brasileiras, que estejam só no território, só na Internet ou nos dois lugares simultaneamente é que o gargalo de tempo tecnológico seja recuperado.

A resposta está pura e simplesmente dotar as rádios comunitárias brasileiras de mais e modernos equipamentos? Ou entender as questões tecnológicas contemporâneas via os instrumentos já disponíveis?

As rádios comunitárias são uma das categorias de meios de comunicação social radiofônico existente no Brasil entremeio a rádios: convencionais, públicas, educativas, livres, de poste, cada uma com seu modo e intencionalidade de reverberar, através de sons, processos comunicacionais, geralmente massivos e com vivências, confluências, consequências próprios, o que torna esse meio uma das maiores e mais heterogêneas formas de pluralização da comunicação. Todos esses meios advém da presença humana, no mínimo de alimentar suas programações, online ou não, ou ainda de promoverem os debates sobre o que é transmitido e retransmitido em suas emissoras.

Desde as primeiras transmissões radiofônicas no Brasil, ocorridas há menos de um século, que esse meio de comunicação vem deixando sua marca na vida do brasileiro, mesmo muitas vezes passando por crises e discussões se será ou não suplantado por outras mídias, tidas como mais modernas e abrangentes. As rádios comunitárias têm igual importância social e histórica, devido sua maior proximidade (em grande parte das suas atuações – principalmente por estarem nos rincões mais isolados e de menos interesse comercial da maioria das emissoras de rádio com fins puramente lucrativos, mesmo havendo-se o paradoxo de que todos os canais de radiodifusão brasileiros sejam concessões públicas e, conseqüentemente, deveriam servir a essas socializações).

Por serem orais, instigando principalmente a audição de quem acessa os produtos comunicativos, as rádios trazem o entendimento dos processos comunicacionais com maior rapidez, notadamente por serem de fácil acesso (devido aos aparelhos de rádio custarem menos do que outros eletro-eletrônicos e, na maioria das vezes, portáteis, não custando muito cara mantê-los), não necessitando leitura visual, visto que também se torna útil e popular por conta do grande índice de analfabetismo funcional no País, além de haver o maior número de meios de comunicação desse tipo no Brasil, principalmente nas regiões mais pobres, hoje, ainda

majoritárias no território nacional. Esses são um dos pontos-base para o próprio entendimento dos desafios das rádios comunitárias contemporaneamente.

Ao serem captadas em frequência modulada, fato que por Lei é obrigação das rádios comunitárias, as emissoras radiofônicas ganham um principal aliado de inovação de socialização de suas programações: os dispositivos móveis (celulares e tablets), facilmente adaptados a captarem sinais radiofônicos das emissoras no dial e, mais recentemente, interconectadas por aplicativos de Internet ou reproduzidos através de áudios e vídeos em redes sociais virtuais. Todos esses elementos inovativos multiplicaram o poder do rádio e, conseqüentemente, deram mais possibilidades de vozes às rádios comunitárias.

Todas essas questões radiofônicas são muito bem trazidas por Marcelo Kischinhevsky (2007) ao tratar sobre a convergência e conseqüências do rádio com as tecnologias atuais. Uma emissora de rádio tem também a possibilidade de ser a principal forma de representação e possibilidade de reverberação dos ideais comunitários, ou ainda dos ideais e ideias nos âmbitos: regional e local, principalmente por conta dessa proximidade e fidelização com o receptor. Cicilia Peruzzo (2018) destaca que o avanço tecnológico incessante evidencia novas facetas do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação ao propiciar descobertas e apropriações em múltiplas direções, tanto no sentido libertador quanto no sentido opressor, sendo esses também pontos contemporâneos dos próprios meios de comunicação e suas sociabilidades. Cicilia Peruzzo (2018) continua destacando que ainda existem uma série de maneiras de resistência aos mecanismos opressores e manipulatórios sociais colocados principalmente nas próprias tecnologias contemporâneas e redes sociotécnicas, formando comunidades e redes presenciais e sociotécnicas, “blogueando, postando fotos, podcasts, vídeos com informação alternativa – outra visão de sociedade – no mundo todo)” (PERUZZO, 2018, p.99) tendo a capacidade de, pouco a pouco, educar para a cidadania, descortinar as visões e ações desfavoráveis ao interesse público, reduzir as desigualdades (muitos conjugam ação na internet e na realidade concreta) e influir no caráter civilizatório de cada nação.

José Eugênio de Oliveira Menezes (2007, p.22-24) destaca que as emissoras de rádio contemplam diversos fios de tempos e vozes que se misturam na vida de um lugar, e ainda possibilitam a sincronização da vida em sociedade, promovendo, em termos de sensações, a criação de cenários mentais e imagens endógenas, ou seja: próprias para o

cidadão receptor. O rádio tem o poder de transformar e construir novas sociabilidades, mudando lugares, pessoas, mentalidades e instigando uma sociedade mais justa, principalmente se tiver por trás pessoas compromissadas e unidas com causas coletivizantes. “No meio rádio encontramos com maior frequência os trânsitos sonoros entre os que têm acesso e os excluídos das expressões de cidadania como alimentação, trabalho, saúde, educação e lazer” (MENEZES, 2007, p.99).

Os exemplos emblemáticos que encontramos em nosso país advém quase que exclusivamente de atos próprios de quem faz as emissoras de rádios comunitárias do que da existência tácita e ativa de políticas públicas concretas e até políticas de classe para que as rádios comunitárias adaptem-se às novidades. Esse mesmo sentimento, sem generalizar por completo, é quase notada também nos próprios entusiastas e atuantes no mundo do rádio brasileiro em geral.

Em termos de rádios comunitárias, que contemporaneamente, apesar de não haver números precisos sobre sua real quantidade no Brasil, ultrapassam facilmente as 20.000 emissoras, uma das respostas aos desafios das inovações e tecnologias atuais contemporâneas é o retorno à comunidade. Como apontado por Raquel Paiva (2007) ao falar do retorno da comunidade. Não do regresso, mas do retornar no sentido de vivência aos pensamentos mais comunais e ao cara a cara. Foram essas ações que catapultaram o próprio movimento de rádios comunitárias e, principalmente, ajudaram os meios a consolidar-se socialmente, dando esse novo tipo de uso social ao meio sonoro já tão importante e atuante no Brasil.

Os próprios usos sociais das rádios comunitárias já se caracterizam como avanço tecnológico e inovador para a época. Contemporaneamente o retornar à comunidade significa, em palavras gerais e até provocativas, voltar a saber falar da, na e para as comunidades. Do rádio regressar às origens em termos de características e funções e saber manter os laços de pertencimento de seu público, congraçando-o e retroalimentando-o, sendo o meio não só mais emissor, mas também receptor, simultaneamente.

A própria comunicação comunitária radiofônica, mesmo mediada por computador, também pode trazer perspectivas de avanço às próprias comunidades. Isso é dada como desafio e seu cumprimento a partir de entender as interações das redes sociotécnicas e suas maneiras de compartilhar conhecimento. Os meios de comunicação comunitários, incluindo-se as rádios comunitárias, segundo Cicilia Peruzzo (2007,

p.190) têm potencial de ser, simultaneamente, parte de um processo de organização popular e também canais carregados de conteúdos informacionais e culturais, possibilitando a prática das participações diretas nos mecanismos de planejamento, produção e gestão. Cicilia Peruzzo (2007) ainda destaca que não são todos os meios de comunicação presentes nas comunidades que podem ser considerados meios de comunicação comunitários, principalmente por conta das conjunturas e até da forma com que alguns ideais são desviados, mas os meios que assumem esse papel contribuem duplamente para a construção da cidadania,

Raquel Paiva (2007), ao debater sobre as interfaces da comunicação comunitária, destaca que existem oito pontos para a justificativa da perspectiva comunitária no campo comunicacional. São eles: a comunicação comunitária constitui uma força contra-hegemônica no campo comunicacional; a comunicação comunitária atua na direção de uma estrutura polifônica; a comunicação comunitária produz novas formas de linguagem; a comunicação comunitária capacita-se para interferir no sistema produtivo; a comunicação comunitária gera uma estrutura mais integrada entre consumidores e produtores de mensagens; a comunicação comunitária atua com o propósito primeiro da educação; a comunicação comunitária pode engendrar novas pesquisas tecnológicas; a comunicação comunitária como lugar propiciador de novas formas de reflexão sobre a comunicação.

Com novas temáticas, demandas, retroalimentando-se e conseguindo concentrar em torno de si preocupações e temáticas destinadas a consolidar novos paradigmas e perspectivas, inclusive para o bom entendimento e operacionalidade do que significa comunidade (PAIVA, 2007, p.146).

Esses pontos levam ao próprio desafio de que não é a comunidade que tem de mudar juntamente com suas rádios, mas nunca se fechar perante as tecnologias atuais e que as mesmas possam instigar as próprias sociabilidades.

Considerações

É fato que as tecnologias não salvarão o mundo sozinhas. Talvez sequer tenham sido pensadas para salvar. Pois são os seres humanos que, através de um congraçamento social, mudam as realidades e, conseqüentemente aumentam as expertises das tecnologias atuais e redes sociotécnicas. Queremos mudar? As mudanças, por si só, estão às nossas frentes, acontecendo, cada vez em espaços menores de tempo.

Aproveitamos esses momentos? Ou esperamos as segundas gerações das tecnologias e consequências sociais para tentarmos entender e vivenciar os processos comunicacionais? Muitas das respostas já foram tratadas no capítulo 3 e resgatamos, notadamente, ao trazermos a importância dessa convivência e concernência da própria comunidade e a utilização dos meios para suas perspectivas comunicacionais sociais.

E as rádios comunitárias? Elas não podem ir contra o avanço tecnológico. Ir para a pureza de não entender e vivenciar os avanços, tirando os lados positivos de todas as conquistas, tecnológicas ou não, é assinar as sentenças de morte.

Dizemos, notadamente, via pesquisas de campo que temos realizado nos últimos 11 anos, que as rádios comunitárias mais emblemáticas que conhecemos são as que têm se adaptado às tecnologias atuais, o que não significam que elas embarcaram de vez nesses processos tecnológicos, mas filtraram os pontos positivos para a comunitarização radiofônica para poder socializa-la como uma perspectiva de retroalimentação.

Trabalhamos com esse conceito de retroalimentação comunicacional em nossa tese (BERTI, 2014) e em nosso trabalho de Pós-doutorado (BERTI, 2017) em que, no caso da comunicação comunitária radiofônica, o fim não é a tecnologia, mas a própria comunidade e se há elementos para falar dessa comunidade dela para ela, dela para fora e até de fora para ela, sempre com respeito e horizontalização dos processos comunicacionais? Por que ir contra? E por que achar que esses processos são prejudiciais às próprias comunidades?

Um dos pontos emblemáticos reside justamente nas novas formas de linguagem e nas próprias adaptações tecnológicas das emissoras não comunitárias. Fato é apresentado pelo levantamento coordenado por Nair Prata e Nélia Del Bianco (2018) sobre a migração das emissoras de rádio AM para FM no Brasil, gerando mais concorrência em frequência modulada para as rádios comunitárias, obrigando-as, mais e mais a repensar em seus status e ações coletivas.

Claro que não se pode pensar nas rádios comunitárias apenas como instrumentos comerciais e muito menos, todos esses avanços tecnológicos irem na direção do puro tecnicismo, mas as tecnologias atuais, repete-se, são pontos- cruciais para as questões das novas sociabilidades.

Um dos pontos que a maioria das rádios comunitárias saem à frente das emissoras comerciais é por estarem em nichos geográficos menores, têm mais reverberação por meio das redes sociais virtuais. Conseguem falar mais próximo,

entendem mais as micro-linguagens, as vivenciam com propriedade e identidade. E as questões identitárias podem ser mais outras respostas inovadoras para a garantia do futuro das rádios comunitárias em nosso País. A identidade leva ao local, que é inspirado no global e que prova a força retroalimentadora do global. As rádios comunitárias estão mais próximas dessa fragmentação por estarem naturalmente fragmentadas nas redes.

Por isso os próprios processos comunicacionais das rádios comunitárias são fortalecidos pela inovação. Vão na contramão, em sua maioria, por não terem recursos, mas, novamente, têm o humano, que é o essencial.

Referências

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Processos comunicacionais nas rádios comunitárias do sertão do nordeste brasileiro na internet**. (Tese de Doutorado). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2014.

_____. **Teorias da Comunicação Comunitária – faces e interfaces nas comunidades contemporâneas**. (Trabalho final de Pós-Doutorado). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2017.

BIANCO, Nélia R. Del; PRATA, Nair (orgs). **Migração do rádio AM para o FM – avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica**. Florianópolis: Insular, 2018.

BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRASIL. **Apesar de avanços, surdos ainda enfrentam barreiras de acessibilidade**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/09/apesar-de-avancos-surdos-ainda-enfrentam-barreiras-de-acessibilidade>>. Acesso em: 01.jun.2019.

BURGESS, Mark. **Princípios de administração de redes e sistemas**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

CARVALHO, Ingrid Aline. **A rede sociotécnica na formação de professores de ciências da natureza, matemática e suas tecnologias/física**. Florianópolis: Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2007.

COLCHER, Sérgio; LEMOS, Guido; SOARES, Luiz Fernando Gomes. **Rede de computadores: das LANs, MANs e WANs às Redes ATM**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

ESCUADERO, Manuel Chaparro. **Sorpreendiendo al futuro – comunicación para el desarrollo e información audiovisual**. Barcelona: Libros de la Frontera, 2002.

FELICE, Massimo Di. **Das tecnologias da democracia para as tecnologias da colaboração**. In: FELICE, Massimo Di (Org.). **Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social**. v.1. São Caetano do Sul: Difusão, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Centro de Recursos Humanos. Caderno CRH, n.54, v.21, p.439-435, set./dez. 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados sobre questões de rádio, internet e aparelhos celulares no Brasil**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>>. Acesso em: 11.jun.2019.

INOJOSA, Rose Marie. **Construindo futuro: transetorialidade e redes de compromisso social**. In: CAVALCANTI, Marly (Org.). Gestão social, estratégias e parcerias: redescobrimo a essência da administração brasileira de comunidade para o Terceiro Setor. São Paulo: Saraiva, 2006.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **O rádio sem onda** – convergência digital e novos desafios na radiodifusão. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

KRISHNAMURTHY, Balachander; REXFORD, Jennifer. **Redes para a web**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

PAIVA, Raquel. **O retorno da comunidade** – os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. In: BARBOSA, Marialva (org.). Vanguarda do Pensamento Comunicacional Brasileiro: as contribuições da Intercom (1977-2007). São Paulo: Intercom, 2007.

_____. **Possibilidades, realidade e desafios da comunicação cidadã na web**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista Matrizes, v.12, n.3, 2018, pp.77-100.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

PNAD – PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS. **Dados sobre rádio e internet no Brasil**. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40>. Acesso em: 12.jun.2019.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. **Rádio e cidade** – Vínculos Sonoros. São Paulo: Annablume, 2007.

PAIVA, Raquel. **Para reinterpretar a comunicação comunitária**. IN: PAIVA, Raquel (org). O retorno da comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

ROSA, Mário. **A reputação na velocidade do pensamento**. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

TENENBAUM, Andrew S. **Redes de computadores**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VIEIRA, Fabiano Marques. **Trabalhando em redes**. São Paulo: Érica, 2006.